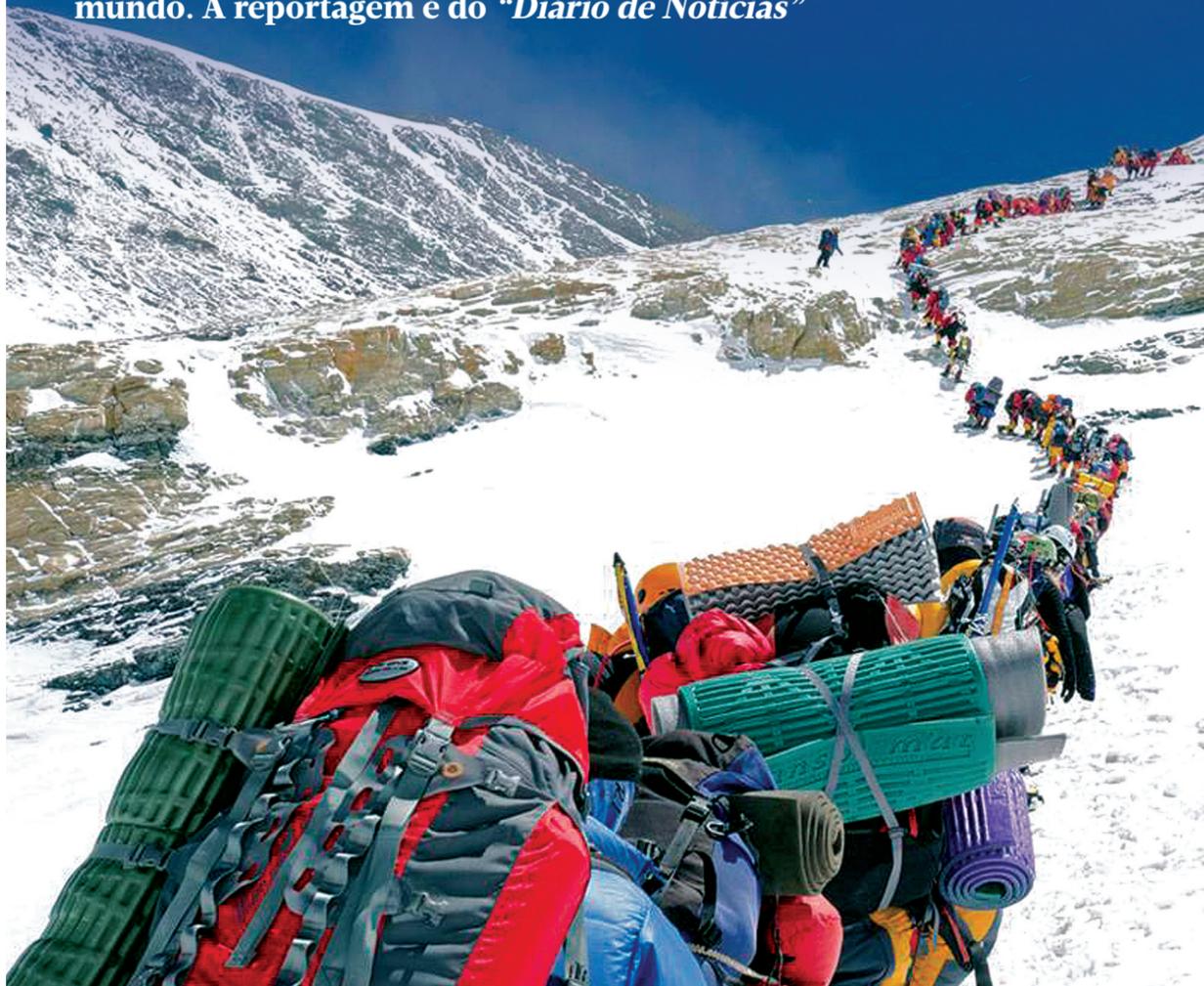


■ PELO MENOS 11 PESSOAS MORRERAM ESTE ANO

Há filas para chegar ao topo do Everest...

Não fosse o cenário, até podia ser uma longa fila para entrar numa sala de espectáculos. Por isso, as imagens são tão impressionantes: centenas de pessoas querem, em simultâneo, aproveitar alguma nesga de bom tempo para pisar o cume da montanha mais alta do mundo. A reportagem é do “Diário de Notícias”



Graça Enriques

A solidão portadora de paz e tranquilidade anda por estes dias arredada do pico do Everest. A montanha mais alta do mundo, com mais de 8 800 metros, faz lembrar o metropolitano em hora de ponta. Centenas que descem, centenas que sobem ao mesmo tempo. Há engarrafamentos no Everest.

Uma foto tirada pela alpinista Nirmal Purhja mostra bem a realidade que se vive por esta altura a caminho do pico - a fotografia vale mesmo mais do que mil palavras e mostra as dificuldades por que passam os alpinistas que nesta época se aventuram a pisar o tecto do mundo.

As filas começam, contudo, a ser frequentes durante a temporada de escaladas - ninguém quer perder a janela de oportunidade que se abre com o bom tempo e o resultado é uma enchente de gente, em fila indiana,

— ■ —
Não são apenas as condições naturais adversas que contribuem para a tragédia. A decisão de se lançar nesta empreitada sem condições físicas pode ditar a morte - escalar o Everest não pode ser encarado como uma viagem turística. É muito, muito mais do que isso

que tem um objectivo definido - chegar ao tecto do mundo, superando os limites humanos.

Mas nem todos conseguem terminar a aventura. Esta semana, terão morrido, pelo menos, 11 alpinistas. Não são apenas as condições naturais adversas que contribuem para a tragédia. A decisão de

se lançar nesta empreitada sem condições físicas pode ditar a morte - escalar o Everest não pode ser encarado como uma viagem turística. É muito, muito mais do que isso.

Mingma Sherpa é presidente da Seven Summits Teks e conhecedor da realidade nas montanhas dos Himalaias. Garante que nestas temporadas, os alpinistas chegam a fazer filas que vão de 20 minutos a hora e meia para chegar ao pico. Sendo que um dos principais problemas é que podem esgotar o oxigénio ou ficar sem reservas - de O₂ e de força anímica - para a descida.

Bom tempo

A sobrelotação da montanha explica-se, segundo os guias, pelo aproveitamento das boas condições meteorológicas. Se o tempo está bom, não há alpinista que não queira tirar partido disso - um dos factores que procuram é a ausência de fortes correntes de ar.

“Se há uma semana (de

tempo seguro), o cume fica lotado. Mas às vezes, quando há apenas uma janela de dois ou três dias, fica sobrelotado”, conta Mingma Sherpa à BBC.

Ralf Dujmovits é autor da outra fotografia, já com sete anos, que se tornou viral. O alpinista alemão chamou-lhe conga line de alpinistas no Everest - uma alusão à dança em fila inspirada no Carnaval cubano.

“Quando as pessoas têm que esperar em filas, correm o risco de ficar sem oxigénio - e podem não ter oxigénio suficiente para o caminho para baixo.” Dujmovits sabe do que fala, atingiu o pico em 1992 e subiu oito mil metros em seis outras ocasiões.

O alpinista contou à BBC que em 1992 ficou sem oxigénio durante a descida e sentiu “como se alguém lhe desse com uma marreta de madeira. Quando há ventos de mais de 15 km/hora, não se consegue fazer sem oxigénio... estamos a perder muito calor corporal.”



Os alpinistas sem preparação

Andrea Ursina Zimmerman, uma guia de expedição que atingiu o pico do Everest em 2016, entende que os “engarrafamentos” são causados por alpinistas sem qualquer tipo de preparação e sem condições físicas para empreender a escalada. O que põe em causa as suas vidas, mas também as dos sherpas (guias).

Norbu Sherpa, que é marido de Andrea, já chegou ao pico sete vezes, conta um episódio que podia ter custado vidas. A 8.600 metros de altitude, teve de se impor a um alpinista que, mesmo em estado de exaustão, insistia em chegar ao pico do Everest.

“Tivemos uma grande discussão. Tive de lhe dizer que estava a arriscar a vida de dois sherpas, assim como a sua. O alpinista já não conseguia endireitar-se, tivemos que prendê-lo com cordas para descer. Quando chegámos ao acampamento base, agradeceu-nos.”

Mesmo para quem não consegue atingir o topo, não deixa de ser ainda mais importante acautelar a descida em segurança. Porque, ao acharem que cumpriram um objectivo, algumas pessoas se desleixam com esta fase da empreitada. O objectivo foi cumprido e esquecem-se que é preciso fazer o caminho de volta. Perdem a adrenalina, a motivação e até as forças.

“Ao longo dos anos, perdi muitos amigos que morreram durante a descida. Muitos acidentes acontecem durante a descida, porque as pessoas simplesmente já não estão concentradas o suficiente - especialmente no caso do Everest, onde há grandes multidões subindo e descendo”, afirma, por seu turno, o alpinista Ralf Dujmovits.

Por isso, não tem dúvidas em afirmar à BBC: “O verdadeiro pico está no regresso ao acampamento-base. Quando se está de volta, pode sentir-se o verdadeiro prazer do que alcançámos.”

A sobrelotação sente-se sobretudo do lado nepalês do Everest - a parte tibetana é mais fácil, mas acaba por ser menos explorada, porque o Governo chinês emite menos licenças. Dizem os aventureiros que a subida também é menos interessante.

Roubo de oxigénio

O espanhol Sergi Mingote escreve na primeira pessoa no jornal El Mundo. “No início desta semana, estava no campo-base do Everest, a mais de cinco mil metros de altitude, rodeado por 700 ou 800 pessoas, e só pensava: é preciso uma regulação, já. O Everest é um sonho legítimo, a montanha é para qualquer um que queira conhecê-la, mas não se pode

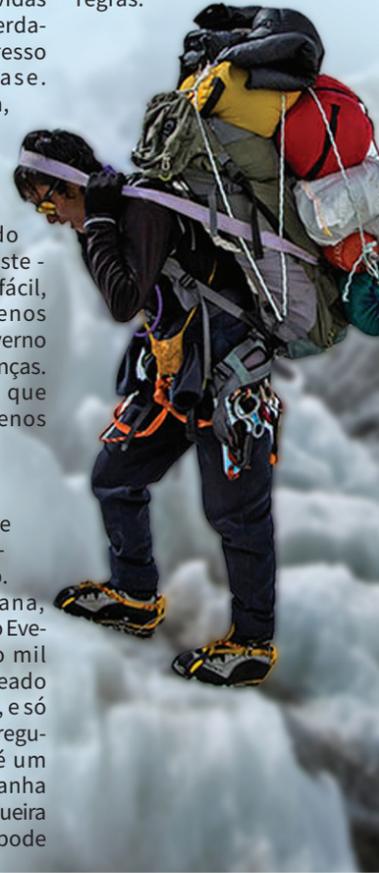
permitir estas enchentes nestes dias de bom tempo. As tragédias sucedem-se, há gente que não volta com as suas famílias. É uma situação que se deve repetir.”

Mingote, embora considere que não é tarefa dos alpinistas, mas sim das autoridades locais, garantir a segurança dos visitantes, deixa algumas sugestões. “Para dar permissão para subir, podia exigir-se que antes o alpinista já tivesse subido uma montanha de oito mil metros. Assim, garantia-se um certo nível dos alpinistas e o número de pessoas que querem subir, desceria talvez uns 90 por cento. Porque, hoje, a maioria dos que tentam subir não são alpinistas, são turistas de alturas. Pagam a uma empresa e formam uma expedição comercial.”

O alpinista explica que o oxigénio engarrafado é fundamental. “O oxigénio não altera uma subida em 10 por cento, 20 por cento ou 30 por cento, muda 100 por cento. Eu diria que as botijas retiram 2.000 metros ao Everest. Mas não quero banalizar. Apesar da ajuda, o risco ainda está lá e pensar que subir oito mil metros é fácil é um erro grave que causa mortes.”

A agravar as adversidades naturais desta aventura, há actos humanos que podem considerar-se criminosos - o roubo de garrafas de oxigénio que são colocadas em certos locais estrategicamente para alguns alpinistas.

Maya Sherpa, em declarações à BBC, não tem condescendência e aponta o dedo a quem pratica este tipo de acções: “Roubar oxigénio a esta altitude não é menos do que matar alguém. O Governo precisa de se coordenar com os sherpas (guias) para impor regras.”



Nepal recusa-se a restringir acesso ao cume

O Governo nepalês emitiu este ano o maior número de licenças de sempre para subir o monte Everest e não tenciona abrandar. As filas para atingir o pico da montanha com 8.848 metros de altitude estão constantemente a aumentar e podem colocar em causa a segurança dos alpinistas. Na temporada deste ano, que terminou terça-feira, morreram 11 pessoas durante a escalada, o número mais elevado dos últimos quatro anos. Segundo os alpinistas ouvidos pela Associated Press, o aumento do número de pessoas a escalar a montanha mais alta do mundo é preocupante, porque atra-

palha o ritmo de escalada. Por causa da altitude, os alpinistas têm um tempo limite para alcançar o topo antes de correrem o risco de um edema pulmonar, motivado pela insuficiência de oxigénio. A última etapa da escalada (acima dos oito mil metros de altitude) é por isso conhecida como a "zona da morte."

Robin Haynes Fisher, um dos alpinistas que morreram este mês no Everest, chegou a alertar para a super-

lotação na montanha, avisando que haveria filas com mais de 200 pessoas em direcção ao cume. Muitas destas, sem experiência adequada para escalar a montanha. Mas parece que o ritmo não irá abrandar nos próximos tempos. Pelo contrário, as campanhas de acesso ao Everest "pelo prazer ou pela fama", como aconselha o secretário de Estado do Turismo nepalês,

Mohan Krishna Sapkota, continuam e o tempo que se passa em cima da montanha permanece sem restrições.

"Não temos regras nem regulamentos que digam quantas pessoas podem realmente subir e quando", diz Kul Bahadur Gurung, secretário-geral da Associação de Alpinismo do Nepal. "Há mais pessoas no Everest do que devia ser possível", afirma.

Para subir o cume que se divide entre o Nepal e a China basta uma autorização médica e o pagamento de uma taxa: 11 mil dólares. Este ano, foram emitidas 381 licenças, o número mais elevado de sempre, segundo o Governo do Nepal,

que tem cerca de 300 milhões de dólares de receita anual com a indústria da escalada. Mas o secretário de Estado do Turismo rejeita que o aumento das expedições esteja relacionado com as mortes; explica-as antes com o clima adverso ou com equipamento inadequado.

Na verdade, as 381 licenças significam um total de mais de 600 pessoas no Everest, se contarmos com os sherpas (guias) e outro pessoal de apoio que acompanha os alpinistas.

Do seu lado (a norte), a China está a limitar o número de licenças aos alpinistas em um terço, como parte de um plano de limpeza da montanha que se iniciou este ano.



O Monte Everest tem vindo a receber cada vez mais turistas e alpinistas que pretendem alcançar o topo, o que tem feito o lixo amontoar-se na montanha. Por isso, o Governo nepalês decidiu lançar a "Campanha de Limpeza do Everest", iniciativa que começou no dia 14 de Abril e deve prolongar-se por 45 dias.

Duas semanas depois do começo, o porta-voz do Departamento de Turismo de Kathmandu no Nepal, Dandu Raj Ghimire, disse ao The Kathmandu Post que a equipa já reuniu três toneladas de lixo. Além de latas, garrafas, plásticos e equipamento de escalada, foram encontradas tendas fluorescentes, botijas de gás vazias e excrementos humanos.

A altura da recolha não foi escolhida ao acaso. Esta época é marcada pela abertura da temporada da escalada de Primavera, que atrai centenas de alpinistas que tentam chegar ao pico de 8.848 metros. Centenas de alpinistas tentam

Três toneladas de lixo descem da montanha

subir a montanha, acompanhados por mais de 1000 funcionários de apoio à escalada, segundo dados do Departamento de Turismo, o que faz esta altura ser uma das épocas em que a montanha é mais poluída. Até dia 29 de Maio, a equipa de limpeza pretendia subir até aos 7.950 metros e limpar 10 toneladas de lixo.

Ghimire diz que, para o Nepal, "o Everest não é apenas a coroa do mundo, mas o orgulho nacional", daí o esforço do Governo em limpá-lo e "restaurar a sua glória". O Governo nepalês compromete-se a manter a montanha limpa e a continuar a enviar equipas de limpeza para evitar a acumulação de lixo no local. Estima-se que sejam investidos cerca de 30 milhões de euros nesta tarefa de 45 dias.

"Tudo no Everest, exceptuando a montanha e a neve,



será trazido de volta. O objectivo é enviar a mensagem de que devemos manter a montanha livre de poluição", disse Tika Ram Gurung, secretário da Associação de Alpinismo do Nepal ao The Kathmandu Post.

Corpos humanos

Esta não é a primeira vez que se tenta limpar a montanha mais alta do mundo. Em 2014, tornou-se obrigatório para todos os alpinistas descer com oito quilos de lixo, que é a quantidade estimada de produção de lixo para cada alpinista. Na opinião de Ghimire, bastava cada um ser responsável pelo seu próprio lixo para o problema ficar resolvido.

No mês passado, a China fechou o campo-base do lado norte do Monte Everest, interdito a turistas que não

tivessem autorização para escalar. O Governo pretendia realizar uma limpeza no local e lidar com a enorme quantidade de lixo que se encontrava no monte.

Cientistas alertaram para outros perigos que o Everest enfrenta, além da extrema acumulação de lixo. Graças ao aquecimento global, o derretimento do gelo do Everest tem vindo a expor mais lixo e até corpos humanos que se acumularam ao longo dos anos - a equipa de limpeza actual já encontrou quatro corpos na zona de acampamento-base. A aparência da montanha está a ser alterada e a cascata de gelo Khumbu encontra-se ameaçada, podendo vir a desaparecer nas próximas décadas.

O lixo recolhido vai ser exibido em Katmandu, no Nepal, no Dia Mundial do Ambiente, dia 5 de Junho, com o objectivo de sensibilizar a população para o que se passa na montanha. Depois, sim, será enviado para a reciclagem.